

IDENTIDADES HÍBRIDAS E PERFORMATIVIDADE EM *¡YO!* DE JULIA ALVAREZ

Priscila Catalão (UERJ)¹
Leila Harris (UERJ)

Resumo: O objetivo deste artigo é ponderar a respeito dos descentramentos contemporâneos e como essa questão dita os aspectos híbridos e constitutivos da identidade da mulher enquanto indivíduo diaspórico, além disso, nos propomos a analisar a questão de gênero como performance tanto na literatura ficcional quanto na autobiografia através da apreciação dos romances *¡Yo!* e da coletânea de ensaios autobiográficos *Something to declare* escritos por Julia Alvarez.

Palavras-chave: Diáspora; Identidade híbrida; Gênero

Julia Alvarez é poeta, ensaísta e romancista. Seus romances focam, em geral, nos temas nascidos da experiência daqueles que se deslocaram, especialmente da mulher enquanto sujeito diaspórico. Alvarez nasceu em Nova Iorque no dia 27 de março de 1950, mas suas origens estão na República Dominicana, país onde seus pais nasceram e onde Alvarez viveu os dez primeiros anos de sua vida. À época de seu nascimento, a República Dominicana encontrava-se sob o comando do ditador Rafael Trujillo havia vinte anos, razão pela qual os Alvarez se exilaram nos Estados Unidos brevemente antes do nascimento da filha e definitivamente dez anos depois, em 1960. Seu pai era envolvido em movimentos de oposição ao governo Trujillo, o último tendo sido aquele formado pelas irmãs Mirábal, conhecidas como As Mariposas, assassinadas a mando de Trujillo e tema de um romance ficcional acerca de sua história escrito por Alvarez.

Alvarez muitas vezes combina elementos de ficção e História em sua escrita para narrar às vidas dos exilados. A escritora trabalha os temas memória, assimilação, pertencimento e identidade, tendo escrito sobre as experiências políticas e culturais de mulheres nascidas tanto na República Dominicana quanto nos Estados Unidos. Em trabalhos mais recentes, Alvarez também focou na mulher cubana, o que explicita seu comprometimento com a questão feminina caribenha. Alvarez pode ser lida como uma subjetividade diaspórica, dado o deslocamento da República Dominicana para os EUA ainda criança, que escreve sobre aqueles que se deslocam e descentram, mas também narra as questões daqueles que ficaram. Dentre seus trabalhos, nos interessam nesse momento primordialmente seu terceiro romance *¡Yo!* (1997) e sua coletânea de ensaios

¹ Graduada em Letras – Inglês/Literaturas (UERJ). Mestranda em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ) sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Leila Assumpção Harris. Contato: catalaopriscila@gmail.com



autobiográficos *Something to declare* (1998) onde a autora irá descrever através de pequenos ensaios o processo de hibridização cultural que ela mesma vivenciou.

¡Yo! pode ser considerado uma sequência do primeiro romance Alvarez *How the García Girls Lost Their Accents* de 1991. Neste primeiro trabalho, acompanhamos a vida das meninas García de La Torre, de forma não cronológica, desde seus primeiros anos de vida em sua terra natal, a República Dominicana, até sua vida adulta nos Estados Unidos como imigrantes. Carla, Sandra, Yolanda e Sofia se mudam para os EUA junto com os pais deixando para trás a infância protegida e feliz no seio de uma família grande, de posses e tradicionalmente dominicana.

Em *¡Yo!* somos apresentados a Yolanda, terceira filha dos García de La Torre, através de uma narrativa em sua maior parte em 1ª pessoa onde que múltiplos narradores irão contar histórias sobre Yo. Ao terminar a leitura somos deixados com o sentimento de estivemos montando um quebra-cabeça da vida desta mulher cuja identidade só pode ser considerada um misto de experiências que foram influenciadas pelo processo de deslocamento sofrido na infância tanto quanto por outros fatores primordiais como classe, raça e gênero.

As experiências de Yolanda retratadas em *¡Yo!* muito se assemelham àquelas narradas por Julia Alvarez nos ensaios de *Something to Declare*, fato que nos faz confiar que a análise do processo de hibridização da identidade de Yo alinhado ao conceito de performatividade de gênero que estão presentes na obra é muito importante para o debate acerca dos mesmos conceitos. Sendo assim, precisamos pensar a diáspora per se. Diáspora é o entre-lugar e conceitualmente pode ser definida como o termo usado para designar comunidades que se deslocaram forçosamente do seu local de origem para locais periféricos. Dentre os motivos pelos quais tais descentramentos ocorrem se encontram o genocídio, exílio político, guerras em zonas de conflito, migração por motivos econômicos e tal qual o que aconteceu a Alvarez e sua Yolanda, a expatriação para fugir de situações de ditadura violenta.

Membros de comunidades diaspóricas são obrigados a lidar não apenas com as implicações psicológicas e socioeconômicas que o deslocamento provoca, como também com o sentimento de alienação e exclusão no país anfitrião devido a questões como o racismo, o sexismo, a homofobia e preconceito de classe. Não bastasse estas problemáticas, mesmo dentro de comunidades diaspóricas podemos encontrar níveis de opressão similares, porém não iguais, ao sistema que é vivido no país anfitrião. Isso se



dá porque estamos analisando relações de poder que são desiguais, heterogêneas e em constante processo de mudança mesmo que todos envolvidos em tais comunidades sejam parte de um “nós” e vivam coletivamente. Como nos elucida Ann Hua em seu artigo “Diaspora and Cultural Memory”:

É crucial lembrar que identidades e comunidades diaspóricas não são fixas, rígidas, ou homogêneas, ao contrário são fluidas, sempre em mudança, e heterogêneas. Há sempre batalhas por poder dentro de comunidades diaspóricas, disjunções produzidas pelas experiências diversas de gênero, classe, sexualidade, etnia, idade, geração, incapacidade, geografia, história, religião, crenças, e diferenças de língua/dialeto. Em outras palavras, comunidades e redes diaspóricas não estão isentas de sexismo, racismo, preconceito de classe, homofobia, discriminação contra idosos, e outras discrepâncias e preconceitos. (HUA, 2008, p. 193, tradução nossa)

É neste contexto que está inserida a protagonista de *¡Yo!* e é sendo parte de uma comunidade diaspórica composta por sua própria família e por seus serviços tanto quanto pertencendo a uma outra parte da família que se encontra na República Dominicana que Yolanda vai crescer e tentar entender sua própria identidade frente a este cenário e ao seu próprio sentimento de nostalgia que não necessariamente estará conectado a um país de origem que de fato existe. É lidando com o sentimento paradoxal de estar incluída ao mesmo tempo em que se está de fora que encontramos Yolanda.

Sujeitos diaspóricos como Yolanda e a própria Alvarez vivem a tensão de serem leais a dois lugares ao mesmo tempo. Muitas vezes esta tensão se traduz por um senso crítico muito aguçado de que as condições culturais e socioeconômicas da terra natal não são ideais, ao mesmo tempo em que se percebe o país anfitrião como um lugar onde a relação entre o sujeito e as mesmas políticas também não são perfeitas. Isto posto, ser uma subjetividade diaspórica é compreender estes aspectos e ainda assim se mostrar nostálgico por um retorno que talvez seja apenas idealizado sem ser capaz de abandonar de vez a terra que abraçou.

A política do espaço da diáspora é contraditória e relacional por si só porque “lar” é o lugar com qual o indivíduo divide uma relação de intimidade mesmo que esteja alienado deste. Em diversos momentos podemos perceber que este sentimento é dual e Yolanda o sente tanto quando está na República Dominicana quanto quando se encontra nos Estados Unidos. O sentimento de alienação no país em que se refugiaram no momento, a incerteza do que está por vir e a saudade lancinante do que ficou para trás

se traduzem numa conversa entre a matriarca García de La Torre e a professora de Yolanda na escola onde as meninas estudaram quando crianças:

Eu não posso confiar em minha voz para falar. Balanço a cabeça.
“Mas o que eu não entendo é como as garotas continuam repetindo que querem voltar. Que as coisas eram melhores lá.”
“Elas estão doentes com saudade —“ Eu explico, mas isso não soa correto.
“Doentes de saudade, sim”, ela diz.²
(...)
Eu tento conter as lágrimas, mas é claro que elas vem. O que essa senhora não é capaz de saber é que não estou chorando por ter deixado o meu lar ou por tudo que perdemos, mas por causa do que ainda está por vir.”
(ALVAREZ, 1997, posição 399, tradução nossa)

Yolanda, ainda criança, tenta elaborar as emoções da forma que uma criança imaginativa como ela faria: ela se retrai para seu mundo da imaginação, cria e conta histórias baseadas nas experiências que viveu na terra natal afim de que consiga aplacar a nostalgia do retorno e a ansiedade que o processo de adaptação a um novo país causa. É a partir e por causa da experiência diaspórica que Yolanda, a escritora, floresce.

Curiosa e contadora de histórias, Yolanda manipula a realidade através de suas palavras e narra a história de sua própria família em um livro que faz muito sucesso. Este processo, no entanto, a transforma em uma traidora aos olhos dos membros da família que a inspiraram. Yo se identifica como uma escritora e escreve porque isto a ajuda a equilibrar as questões que ela mesma tem relacionadas a sua identidade fragmentada como subjetividade diaspórica que quer pertencer a República Dominicana, afinal é lá o local que sua família chama de “lar”, mas não é capaz de abandonar os Estados Unidos de vez. Uma problemática que só seremos capazes de compreender se pensarmos a hibridização da identidade do sujeito diaspórico.

Stuart Hall argumenta em seu livro *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* (2003) que se conclui que a identidade cultural de um sujeito seja estabelecida no momento de seu nascimento e eternizada através do seu código genético e linhagem familiar, fazendo parte do que é o seu eu mais interior (HALL, 2003). Identidade cultural também se deduz que seja o vínculo que conecta através de narrativas do passado, presente e futuro sujeitos que foram nascidos e criados dentro de um mesmo território. O sujeito diaspórico é aquele cuja identidade cultural não é fixa em uma

² Há aqui uma questão de equivalência linguística, já que no original a expressão usada pela mãe é *sick of home*, que carrega conotação negativa, e a correção feita pela professora é *homesick* que quer expressar apenas o sentimento de nostalgia pela pátria que as meninas García sentem.



narrativa do passado e é marcada pela fragmentação, hibridização pelo contato com culturas díspares e pela posicionalidade do sujeito. Aqui analisaremos *¡Yo!* também como uma obra que contém traços autobiográficos em relação a *Something to Declare*, graças as similaridades entre as experiências vividas por Yolanda e sua criadora Julia Alvarez.

No ensaio “La Gringuita”, Alvarez narra a sua jornada com a língua mãe e a língua adquirida durante os anos passados nos Estados Unidos. Alvarez nos conta que o inevitável aconteceu: como adulta, ela só é capaz de falar fluentemente o espanhol da infância. A assimilação da segunda língua foi tamanha que ela só consegue discutir acaloradamente ou explicar algo muito complexo em inglês, o espanhol parou no tempo em que ela era uma menina na República Dominicana. O relato é real, claramente a inspiração para a jornada de Yo em relação à linguagem, já que para o personagem “língua é única terra natal” e representa bem o caráter híbrido da identidade de um indivíduo diaspórico. Segue abaixo uma parte em que Alvarez relata como percebe a experiência que ela e suas irmãs tiveram em relação ao inglês:

Nossa distância crescente do espanhol era uma maneira pela qual nós nos libertamos daquele mundo velho onde, como meninas, nós não tínhamos muito o que dizer sobre o que poderíamos fazer com nossas vidas. Em inglês, nós não tínhamos o formal *usted* que imediatamente nos colocava em nossos lugares com os mais velhos. Nós éramos responsáveis por nós mesmas e isso nos fez sentir adultas. (ALVAREZ, 1998, p.63, tradução nossa)

Todavia, este não é o único aspecto representativo da fragmentação, mobilidade e hibridização da identidade diaspórica. Outra particularidade que nos interessa analisar é a performance de gênero. Sabemos que raça e gênero são balizadores na construção e performatividade local da sujeita diaspórica, sendo parte do aspecto híbrido de sua identidade. A experiência da mulher enquanto indivíduo diaspórico é diferente da do homem nas mesmas condições. Analisaremos aqui a performatividade de gênero presente no romance, ou seja, como Yolanda age enquanto mulher dependendo de sua localização.

Se faz mister debatermos performatividade de gênero quando falamos sobre identidade, pois que pessoas só se tornam legíveis socialmente quando enquadradas em um certo padrão de gênero vigente, logo a identidade de gênero é passível de análise antes mesmo que devotemos tempo a pensar a identidade por si só. Judith Butler elucida em seu *Problemas de Gênero* (2003):



O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor. (BUTLER, 1999, p. 37)

Sendo assim, podemos concluir que gênero é performance que alterna suas nuances e que a identidade de gênero é múltipla e irá afluir ou dissentir dependendo do contexto que se encontre. Em *¡Yo!*, a protagonista Yolanda se vê no entre-lugar da diáspora e desempenha o gênero dependendo do lugar onde esteja. Afinal, sexo é uma categoria política que fundamenta a sociedade patriarcal.

Yolanda assimila traços da cultura americana e desempenha o gênero de acordo com estes traços quando nos Estados Unidos e como define um de seus namorados, ela é tão americana quanto uma torta de maçã, prato tipicamente americano. Eis como Dexter a enxerga:

“Yo é tão americana quanto a torta de maçã. Bem, vamos dizer tão americana quanto um taco do Taco Bell. Ela afirma que a prova de fogo é se você diz Oh ou Ay quando você esmaga o seu dedo com um martelo. Houve muitas vezes quando ela esbarrou em algo ao se dirigir para o banheiro em seu apartamento nada familiar no meio da noite e soltou um “shit!” Ele se pergunta o que isso prova sobre ela, se prova alguma coisa.” (ALVAREZ, 1997, posição 2457, tradução nossa)

Como mulher latina nos Estados Unidos, Yo é vista como um ser exótico — sua senhoria sequer cogita que Yo fale inglês fluentemente e se surpreende ao perceber que ela fala melhor do que a própria — percebe-se que ela é sempre vista como a estrangeira, e hipersexualizada. Já na República Dominicana, Yo se vê imersa em outro contexto. Um contexto que espera que uma jovem mulher da sua idade se comporte de acordo com outros padrões. Ela vai à igreja com a família, exatamente como suas tias e tios esperam que uma jovem religiosa se comporte.

Além disso, Yo sequer deixa que os namorados americanos a acompanhem nas viagens, pois não quer ter que explicar como se dá a dinâmica de um relacionamento com um americano que claramente diverge dos padrões dominicanos onde uma mulher de sua idade já estaria casada e, subordinada ao marido, seria uma dona de casa com alguns filhos. E nem pensar em ter um namorado dormindo no mesmo quarto que ela na



casa dos pais porque a virgindade é item precioso para as normas dominicanas e mesmo depois de um divórcio, Yo prefere que o pai imagine que sua virgindade foi reinstaurada após a separação do que assumir que dorme com o namorado americano. Seu pai, inclusive, é por vezes a figura metonimizada do patriarcado opressor.

A performatividade de gênero também implica relações de poder. Enquanto nos Estados Unidos Yo é lida como mulher latina e dela é esperado que esteja empregada e que ocupe posições no mercado de trabalho que as mulheres americanas não desejariam ocupar, na República Dominicana uma mulher de classe média alta como ela que trabalhe para se manter por si mesma e que esteja sem parceiros é tida como uma mulher que fracassou em seu cumprir o papel de gênero que lhe foi imposto. Logo, podemos conjecturar que as formas que Yo encontrou para se encaixar nos moldes dominicanos (sem comprometer demais sua prática feminista como ela mesma explica) são tentativas de se apresentar menos como uma perdedora aos olhos da família e dos criados, mas mais como uma mulher diferente deles. No mais, estas tentativas também têm por função fazer com que Yo consiga satisfazer seu desejo de pertencer àqueles de quem ela sempre será parte.

Em suma, o sujeito diaspórico está sempre se descobrindo e descobrindo o que é ao se relacionar e descobrir o que não é. Viver a dualidade de sempre estar no entre-lugar, pertencendo e não-pertencendo, despertando abjeção e desejo ao mesmo tempo nos mostra o quão fragmentada e em constante processo de transformação se encontram estas identidades híbridas. A mulher enquanto sujeita diaspórica sofre tais pressões e mais ainda ao performar o seu gênero de modo que consiga transitar entre duas ou mais culturas sem ser relegada a sua borda, o que a leva a refletir não só sobre quem ela é, mas também sobre quem ainda há espaço para ser. *¡Yo!*, o romance, termina com seu pai lhe dando uma benção e pedindo que ela abraça o seu destino: o de contar histórias sobre a jornada perdida de uma família que deixou tudo o que conhecia para trás para que pudessem viver para contar tais histórias. E é o que parece que Julia Alvarez sabe fazer melhor.

Referências bibliográficas

ALVAREZ, Julia. *How the García Lost Their Accents*. North Carolina: Algonquin Books of Chapel Hill, 1991.



ALVAREZ, Julia. *Something to Declare*. North Carolina: Algonquin Books of Chapel Hill, 1998.

ALVAREZ, Julia. *¡Yo!* North Carolina: Algonquin Books of Chapel Hill, 1997. E-Book. ISBN 978-1-61620-100-5.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HUA, Ann. Diaspora and Cultural Memory. In: VIJAY, Agnew (ed). *Diaspora, Memory and Identity: a Search for Home*. Toronto: University of Toronto Press, 2008. Página 193.